

Notas sobre imperialismo, guerra da Ucrânia, luta de classes e comunicação

Notes on imperialism, war in Ukraine, class struggle and communication

césar Bolaño*

► DOI: <https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2023.166.009>



RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar reflexões complementares a uma produção anterior, do início da operação russa na Ucrânia, sobre o contexto histórico e político aberto em 2022, à luz de uma análise que realizei na segunda metade dos anos 2010 sobre os desafios que a comunicação apresenta para as esquerdas neste começo de século. Após uma breve apresentação do contexto, remetendo ao conceito leninista de imperialismo e à história do fenômeno ao longo do século XX naquilo que ela tem de determinante para os nossos interesses, e depois de uma crítica à interpretação de alguns autores da esquerda europeia, especialmente Anselm Jappe, sobre a guerra, retomo a perspectiva do final dos anos 2010 sobre o desafio da comunicação, considerando a crise de hegemonia dos Estados Unidos, que se reapresenta com força redobrada após a grande crise de 2008. A pretensão, em suma, é apresentar uma perspectiva geral dos desafios atuais, considerando os fenômenos de ordem econômica, política, cultural e comunicacional como uma totalidade.

Palavras-chave: Imperialismo. Guerra. Ucrânia. Comunicação.

ABSTRACT

The aim of this paper is to bring complementary reflections — in relation to a previous work, written in the beginning of the Russian operation on Ukraine — on the historical and political context opened in 2022, in the light of an analysis, held in the second half of the 2010s, concerning the challenges posed by communication practices to the left-wing in this beginning of century. After a brief presentation of the context, in the light of the Leninist concept of imperialism and its history in the 20th century, and after a critique of the interpretations of war made by some European leftist scholars, especially Anselm Jappe, I resume the perspective I proposed in the end of the 2010s on the communication challenge, considering the crisis of hegemony of the United States, which became particularly strong after 2008 crisis. Our ambition is to introduce the reader to a general perspective of the current challenges, considering the economic, political, cultural and communicational phenomena as a totality.

Keywords: Imperialism. War. Ukraine. Communication.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar algumas reflexões complementares a uma produção anterior, do início da operação russa na Ucrânia¹, com ênfase na problemática da comunicação, na perspectiva da economia política da comunicação e da cultura, mas envolvendo questões que ultrapassam os limites dessa disciplina, relativas, ademais, a processos em pleno desenvolvimento, cujos resultados e consequências não estão ainda claros, mesmo para especialistas em relações internacionais, geopolítica ou economia política internacional. Por isso, optei por apresentá-las com a devida cautela, sob a forma de notas para discussão, sujeitas a ajustes posteriores.

As quatro primeiras notas, apresentadas nas seções 2 a 5, se referem brevemente ao contexto histórico. Na seção 6, mais longa, e na nota conclusiva, retomo uma análise que realizei de forma bem mais extensa em outra ocasião (BOLAÑO, 2018), sobre os desafios que a comunicação apresenta para as esquerdas neste começo de século. Nesse ponto, a ênfase se desloca da problemática do imperialismo para a da luta de classes. O vínculo entre as duas está posto de alguma forma na seção 5, em que dou um exemplo da atitude da esquerda europeia sobre a guerra, mas a seção 6 ocupa-se sobretudo do Brasil e da América Latina.

2. SOBRE A GUERRA DO IMPERIALISMO CONTRA A RÚSSIA

A intervenção russa na guerra da Ucrânia é um daqueles eventos que trazem à tona verdades soterradas na poeira do tempo, encantadas por aparências que, de golpe, desmancham-se no ar, exigindo um olhar retrospectivo sem o qual tudo perde o sentido. O ano de 2022 foi excepcionalmente carregado de eventos dessa natureza. Embora a guerra civil no Donbas tenha começado oito anos antes, na sequência do golpe de 2014, em Kiev, a entrada da Rússia e a declaração de guerra econômica global contra esta por parte da Otan, da União Europeia e seus aliados darão ao conflito características de guerra mundial em que o imperialismo joga sua cartada mais arriscada desde os anos 90 do século passado, quando, na sequência da retomada da hegemonia estadunidense dos anos Reagan, reunifica-se a Alemanha, desaba o chamado socialismo real em toda a Europa Oriental, desaparece a União Soviética, o Pacto de Varsóvia se desfaz e a Otan inicia seu irrefreável avanço para o leste, promovendo, no caminho, a destruição da Iugoslávia, a balcanização dos Balcãs e a ampliação da periferia interna da Europa.

Em 2022 essa trajetória expansiva atinge aquele limite para além do qual a quantidade se transforma em qualidade e o mundo já não é mais o mesmo. Como numa peça de ficção, emergimos, do outro lado do oceano a que fomos lançados pela pandemia de 2019, numa espécie de realidade paralela, na qual todos os medos exorcizados no pós-guerra retornam e toda a barbárie que vinha sendo reconstruída metodicamente, passo a passo, ao longo dos últimos 50 anos se apresenta espessa como um tijolo lançado contra todas as falsas certezas e as vãs ilusões de um mundo unipolar, um apressado final da história, na versão

¹ Logo no início da intervenção russa na Ucrânia, em fevereiro de 2022, produzi dois pequenos artigos sobre imperialismo e comunicação (BOLAÑO, 2022a, 2022c), buscando uma interpretação de conjunto da questão, no plano econômico, político e cultural, com destaque para o problema da comunicação, nos quais avancei uma sugestão de agenda de pesquisa neste último campo, que sintetizei depois, em um terceiro artigo, ainda não publicado (BOLAÑO, 2022b), no qual me detenho mais no conceito de imperialismo de Lênin. Tudo isso será tomado aqui como pressuposto, evitando repetições.



O então presidente dos EUA, Ronald Reagan (foto), anuncia o projeto Guerra nas Estrelas, programa militar que previa a criação de um sistema de defesa espacial contra um possível ataque nuclear ao país. Washington, D.C., 1983

pós-modernista hegemônica, do Partido Democrata, ou, na versão *gauche*, também pós-modernista, um suposto império, que representaria, para os formuladores da ideia, o fim do imperialismo.

O debate sobre o imperialismo, na virada do século XX, envolvendo intelectuais burgueses e marxistas de diferentes tendências, encontrou em Lênin a grande síntese que iluminou tanto as disputas entre reformistas social-democratas e revolucionários bolcheviques, nos anos que enquadram a Primeira Guerra Mundial e a Revolução de Outubro, quanto as discussões sobre as teorias do *derrumbe* e da construção do sujeito revolucionário, em torno das quais se confrontaram as mais diversas correntes do marxismo nos anos 1930, debate ainda vigente nos anos 1970, quando se estabelece a crise estrutural do capitalismo e a hegemonia estadunidense é posta em xeque, justamente pelas potências industriais derrotadas em 1945, impiedosamente destruídas pelos vencedores e, a partir de então, desarmadas, controladas e avassaladas pelos Estados Unidos, que, em troca, financiam a reconstrução que lhes facilitará o avanço da competitividade econômica.

A retomada da hegemonia estadunidense, a partir do final dos anos 1970, dirige-se, na verdade, em grande medida, contra o Japão e a Europa, nesse momento em processo avançado de unificação sob o comando da Alemanha, que reforçará sua posição política com a debacle do socialismo real europeu, mas terá de arcar, por um bom tempo, com os custos da reunificação. Mais especificamente, a retomada, considerando-se as políticas macroeconômica, política e militar do governo Reagan e a política industrial de Bill Clinton, que o seguiu — incluindo a reestruturação das telecomunicações em nível mundial, a implantação das infraestruturas globais da informação e o novo paradigma industrial, baseado nas tecnologias de base microeletrônica e na digitalização —, logrou redirecionar os fluxos de capitais para os Estados Unidos, deslocando a crise para fora, primeiro para a periferia capitalista, especialmente a América Latina, depois para o Leste Europeu e a União Soviética, desafiada a competir com o ambicioso projeto estadunidense Guerra nas Estrelas, além de enquadrar politicamente a Europa, como ilustra a proibição, à época, da construção do gasoduto transiberiano.

O caráter irremediavelmente belicista do imperialismo estadunidense, dependente, nos planos econômico, científico e tecnológico, do seu poderoso complexo industrial-militar-acadêmico, favorece a construção, em contrapartida, da aliança defensiva de amplo espectro entre as duas potências eurásianas, anunciada durante as Olimpíadas de Inverno de Pequim, pouco antes do início da operação russa na Ucrânia. Poucas dúvidas restarão, neste momento, a respeito do fato de que essa foi uma resposta às provocações da Otan e dos Estados Unidos

À destruição das condições prévias promovida por Reagan, segue-se a construção da alternativa proposta por Clinton e Al Gore em torno do novo paradigma industrial convergente, que vinha sendo gestado no complexo industrial-militar dos EUA desde os anos da Segunda Grande Guerra e do pós-guerra. O conjunto dessa reconstrução promovida pela potência hegemônica estabelece as condições para um novo período de desenvolvimento, ainda que medíocre, sob o comando dos Estados Unidos, marcado por crises recorrentes, culminando com a grande crise de 2008.

3. SOBRE O DESAFIO CHINÊS

Na verdade, o dinamismo do novo modelo de desenvolvimento deve-se basicamente ao enorme crescimento da economia chinesa, peça fundamental na estratégia dos Estados Unidos, cuja diplomacia soube explorar as divergências entre China e União Soviética, no sentido de impedir a construção de um bloco eurásiano, virtualmente imbatível para as potências atlânticas, como a Inglaterra e os Estados Unidos, o que explica também, nesse plano, a resistência em relação a qualquer aliança da Europa, especialmente da Alemanha, com a Rússia, submetida, como todo o Leste Europeu, ao longo dos dez anos loucos após o desmantelamento do sistema soviético, à rapina das potências imperialistas.

O estrondoso sucesso da estratégia chinesa de introdução de relações mercantis e capitalistas, sob o comando do Partido Comunista — gerando um novo tipo de economia, que podemos definir, sem entrar na questão, sob o conceito de “Um país, dois sistemas” —, soma-se à bem-sucedida estratégia de reconstrução do poderio político e militar do governo



Grande Salão do Povo, em Pequim, onde foi realizado o 20º Congresso Nacional do Partido Comunista da China (PCCh). Outubro de 2022

russo a partir da ascensão ao poder de Vladimir Putin, para acender os alertas em relação ao perigo eurásiano por parte do *establishment* estadunidense, que, desde os anos 1990, sonhava com aquele mundo unipolar sob o seu comando. A própria China, ao contrário do Japão e da Alemanha, tratou de proteger a sua bem-sucedida política de desenvolvimento capitalista, garantindo condições de autonomia cultural, independência e vantagens na produção tecnológica e soberania nacional no plano militar, diplomático e geoestratégico.

O caráter irremediavelmente belicista do imperialismo estadunidense, dependente, nos planos econômico, científico e tecnológico, do seu poderoso complexo industrial-militar-acadêmico, favorece a construção, em contrapartida, da aliança defensiva de amplo espectro entre as duas potências eurásianas, anunciada durante as Olimpíadas de Inverno de Pequim, pouco antes do início da operação russa na Ucrânia. Poucas dúvidas restarão, neste momento, a respeito do fato de que essa foi uma resposta às provocações da Otan e dos Estados Unidos. Outro tanto se desenha em relação à China, como também ficou claro em 2022, quando, por exemplo, da polêmica visita da presidenta do Congresso estadunidense a Taiwan. Trata-se sempre de movimentos estratégicos que se desencadeiam por iniciativa da potência hegemônica, que, ao mover suas peças no tabuleiro geopolítico, obriga os outros envolvidos a responder, cada um de acordo com o seu específico, maior ou menor, generalizando a definição de Furtado (BOLAÑO, 2015), poder econômico.

Sob a administração Biden, esse jogo vem sendo fortemente estressado, envolvendo o mundo todo, após a decretação da guerra econômica contra a Rússia, que acaba por transformar-se, nas condições vigentes, de crise do capital e crise renovada da hegemonia estadunidense em guerra econômica mundial, com uma característica fundamental, que a

No caso da formulação mais elaborada de Negri e Hardt (2001), foi preciso negar explicitamente, dando-o como superado, o conceito leninista de imperialismo, mas trata-se de um *tour de force* que a realidade logo se encarregou de desmentir

distingue tanto das guerras imperialistas do século XX como da Guerra Fria, quando o desafiante se apresentava como opção radical, não capitalista, de organização social: agora se trata de um desafio que parte da periferia do capitalismo e ameaça a hegemonia, no plano econômico e tecnológico, em nível internacional, uma ameaça direta, portanto, ao sistema imperialista constituído ao final do século XIX e pacificado em 1945.

Apenas para ilustrar o caráter do desafio, cito um articulista, falando a propósito do relatório de trabalho apresentado pelo presidente Xi Jinping no início do 20º Congresso do Partido Comunista da China (outubro de 2022), segundo o qual a potência asiática estaria lançando uma proposta de “modernização pacífica” para o Sul global:

A China e importantes atores eurásianos — da Organização de Cooperação de Xangai (OCX), dos Brics+ e da União Econômica Eurásiana (UEEA) liderada pela Rússia —, estão todos propondo um desenvolvimento pacífico neste momento. O Hegêmona, ao contrário, impõe uma avalanche de sanções [...], guerras por procuração de alta letalidade (Ucrânia) e todas as cepas possíveis de guerra híbrida para evitar o fim de sua supremacia (ESCOBAR, 2022).

Tomo essa definição aleatoriamente, apenas como expressão sintética do desafio global que neste momento enfrenta o sistema imperialista, cuja gênese, não custa lembrar, decorre das tendências à concentração e à centralização do capital, que, na virada do *Novecento*, promovem uma mudança qualitativa, ligada à operação da lei geral da acumulação capitalista descrita por Marx no capítulo 23 do livro primeiro d’*O Capital*.

4. SOBRE A GUERRA DOS ESTADOS UNIDOS CONTRA A EUROPA

É interessante notar que as potências capitalistas aliadas na guerra econômica contra a Rússia são as mesmas citadas por Lênin (1979), mais os países que compõem a União Europeia, o Canadá, a Austrália e a Coreia do Sul, sob o comando dos Estados Unidos e da Otan. Trata-se, basicamente, se quisermos, das duas primeiras áreas de difusão da civilização industrial a partir do seu núcleo original, a Inglaterra, que compõem o “desenvolvimento”,

por oposição ao conjunto, muito maior, do “subdesenvolvimento”, na classificação histórica de Furtado (1978). Se descontarmos as periferias internas, pondo o foco no núcleo central imperialista, a coincidência com a lista de Lênin é praticamente total. São os países que, na caracterização de Melo (1982), realizaram a Segunda Revolução Industrial, ainda no século XIX, internalizando as condições necessárias à reprodução ampliada do capital monopolista.

Isso é o imperialismo, o governo mundial do capital monopolista, que enfrenta hoje, no terreno econômico, o único desafio que, até o momento, se qualificou para aproveitar a janela de oportunidades aberta pela Terceira Revolução Industrial, a China. A aliança desta com uma Rússia que recons-

truiu seu poderio militar — o que implica um potencial tecnológico e econômico a ser considerado — e diplomático, no centro do continente eurásiano, dispondo das maiores reservas de matérias-primas estratégicas e recursos energéticos do planeta, produz justificadas preocupações no centro imperialista. Só isso explica a unidade de ação na guerra econômica contra a Rússia, repetindo uma situação semelhante, já referida, ocorrida nos anos 1980. Quem acompanhou o processo que antecedeu a entrada da Rússia na guerra lembrará a grande movimentação da parte da diplomacia dos Estados Unidos para enquadrar os seus parceiros europeus e fazê-los aceitar a estratégia de guerra econômica global que se preparava.

Nos artigos citados na nota 1 acima, publicados logo após o início da operação russa na Ucrânia, levantei algumas suposições sobre essa aparente incoerência dos países europeus, pois as vantagens para os Estados Unidos eram mais do que evidentes, embora o efeito bumerangue da guerra de sanções não deixe também de atingi-los em alguma medida, afora o caráter de alto risco de toda a operação, num momento em que os analistas internacionais falam de uma profunda reconfiguração da ordem mundial (*vide*, por exemplo, FIORI, 2022). Na verdade, a Europa deve submeter seus interesses imediatos aos dos Estados Unidos porque estes expressam os interesses maiores, de comando, do conjunto do capital monopolista globalizado.

A unanimidade com que a União Europeia aceitou as inéditas sanções contra a Rússia, o envio de armas em larga escala para o Exército ucraniano, o silêncio em relação às denúncias de existência de laboratórios potencialmente utilizados para a produção de armas biológicas no leste da Ucrânia, a censura aos meios de comunicação russos em todo o mundo, o controle radical da informação e o conjunto das medidas de guerra econômica contra um país subdesenvolvido, exportador de matérias-primas vitais para a Europa, a qual sofrerá, ademais, pelo efeito reverso das suas ações, consequências incalculáveis, é de fato desconcertante, mas não incompreensível. O fato é que, nas condições expostas e diante dos desafios atuais, o cálculo político suplanta o econômico na tomada das grandes decisões, mas alguém sempre deverá pagar a conta, e o desenrolar dos acontecimentos tem mostrado que,



Acervo Depositphotos

Vladimir Putin conduziu uma bem-sucedida estratégia de reconstrução do poderio político e militar do governo russo

Na verdade, pode-se dizer que a guerra econômica atual tem como alvo não só a Rússia — vista não apenas como concorrente a ser destruído, mas como enorme espaço a ser balcanizado e incorporado, aos pedaços, na zona de exploração secundária, para usar a expressão de Dörre (2022) —, mas também, e de forma muito especial, a própria Europa, cuja dependência em relação aos Estados Unidos é preciso, de tempos em tempos, reafirmar, e, desta vez, de forma particularmente feroz

no interior do bloco imperialista, a Europa deverá arcar com a parte maior, renunciando por completo aos ímpetus neocolonialistas que seguiu alimentando mesmo após o movimento de descolonização da África, hoje crescentemente integrada com a economia chinesa, com o projeto da Nova Rota da Seda².

Não obstante, a ideia de um império mundial com centro nos Estados Unidos — que poderia ser aplicada também, como sempre foi, na caracterização de todos os inúmeros impérios que se sucederam ao longo da história humana — remete à comparação, muito ao gosto do senso comum, com o Império Romano. No caso da formulação mais elaborada de Negri e Hardt (2001), foi preciso negar explicitamente, dando-o como superado, o conceito leninista de imperialismo, mas trata-se de um *tour de force* que a realidade logo se encarregou de desmentir, não apenas pela referida polarização estabelecida nas relações internacionais, mas também pela necessidade de enquadramento da Europa para garantir a consecução da estratégia de isolamento da Rússia, cujos efeitos nefastos sobre aquela explicitam os limites das políticas de bloqueio, sequestro de divisas e outras formas de chantagem econômica que vêm debilitando inclusive a posição do dólar, sua legitimidade, que se esperava defender.

Na verdade, pode-se dizer que a guerra econômica atual tem como alvo não só a Rússia — vista não apenas como concorrente a ser destruído, mas como enorme espaço a ser balcanizado e incorporado, aos pedaços, na zona de exploração secundária, para usar a expressão de Dörre (2022) —, mas também, e de forma muito especial, a própria Europa, cuja dependência em relação aos Estados Unidos é preciso, de tempos em tempos, reafirmar, e, desta vez, de forma particularmente feroz. Após o fim da União Soviética, as relações da Europa com a Rússia cumpriam um papel importante na preservação de determinado equilíbrio de forças no interior do bloco imperialista, na medida em que o gás russo garantia uma

² Também em 2022, presenciamos o crescimento de um importante movimento antifrancês em diversos países francófonos da África, especialmente no Mali e em Burkina Fasso, indicando que a luta contra o colonialismo da “Françáfrica” ainda está na ordem do dia.

vantagem competitiva decisiva à indústria e ao capital financeiro — na definição de Hilferding (1985) — alemão, núcleo hegemônico no interior da comunidade europeia, cuja construção é uma obra polêmica, em que os interesses nacionais só serão compatibilizados, no pós-guerra, através de complexas negociações, como bem ilustra a Inglaterra — que Lênin já definia, em 1916, como caso exemplar de evolução rumo a um capitalismo de tipo especulativo e rentista —, cuja incorporação, questionada durante anos pelo general De Gaulle, que a via como uma ponta de lança do imperialismo estadunidense, que seria preciso conter, foi marcada sempre por atribulações, desde a recusa a entrar na Zona do Euro até a recente saída da União Europeia.

Nunes (2022, p. 47) lembra, por outro lado, que “as negociações que conduziram ao Tratado de Roma foram marcadas, desde o início, pelo estatuto da França como potência colonial, estatuto sempre invocado para valorizar a sua posição negocial”, para defender, secundada pela Bélgica, a construção de uma Pan-Europa como “projeto eurafricano”, considerando, uma vez perdidas as colônias asiáticas, a África como uma espécie de “espaço vital” para a Europa, como

uma fonte de matérias-primas e alimentos, um mercado para as mercadorias industriais produzidas no Velho Continente (garantindo o emprego dos trabalhadores europeus) e um território de destino dos excedentes populacionais de alguns países europeus. Por outro lado, o movimento Pan-Europa partia do princípio de que a África negra era incapaz de se desenvolver e civilizar, reivindicando para a Europa branca a missão (civilizadora) de desenvolver a África. Como se vê, estamos perante uma expressão serôdia da velha ideia do fardo do homem branco (civilizador, paternalista, salvador da humanidade), como sempre um expediente para esconder (ou justificar) o colonialismo (NUNES, 2022, p. 51-52).

Assim, lembra o autor, na Conferência de Brazzaville, em janeiro e fevereiro de 1944, René Pléven, que seria logo primeiro-ministro francês, proclamava “o direito da França a um império colonial” (NUNES, 2022, p. 49), mas as lutas pela descolonização da Ásia e da África no pós-guerra já não admitiriam soluções desse tipo, e nem a União Soviética nem os Estados Unidos estavam dispostos a preservar aquela forma já claramente insustentável de integração interna através da infame ideologia do racismo científico. A potência estadunidense, ao contrário, estava empenhada, como lembra Harvey (2004), na configuração de formas de integração que implicavam a criação de uma sociedade de consumo de massa, apoiada na existência de uma indústria cultural cujas características nós bem conhecemos (BOLAÑO, 2000) e na substituição da velha ideologia do progresso, como aponta Furtado (1974), pela de desenvolvimento, ou melhor, pelo par comunicação-desenvolvimento, baseado no novo sistema global de cultura em construção (BOLAÑO, 2015).

Por outro lado, a reestruturação das relações de poder internacional no pós-guerra logo levou os Estados Unidos a abandonar a estratégia, vigente ainda ao final de 1944, “de remeter a Alemanha (a *Alemanha desmilitarizada*, espartilhada em um conjunto de pequenos estados federados) ao papel de um *país basicamente agrícola e pastoril*” (NUNES, 2022, p. 36), estratégia de empobrecimento visando ao desmantelamento da sua capacidade industrial nas indústrias estratégicas.

A verdade, porém, é que os projetos franceses fracassaram. Porque os interesses dos EUA cedo apontaram no sentido da recuperação econômica, política e até militar da



Instalações da Gazprom, maior empresa de energia da Rússia

RFA. Concertados a esse respeito os EUA e o RU [Reino Unido], chegaram a planejar uma *União Federal Europeia* sob o seu comando (previa-se mesmo uma *cidadania comum anglo-americana*), reduzindo a Europa Continental ao papel de satélite, simples membro de uma zona de livre-comércio com o *império anglófono*, e integrando o projeto de *integração europeia* no arsenal dos instrumentos da *Guerra Fria*, em especial a “guerra” contra a URSS e contra os “perigos” da expansão do comunismo (NUNES, 2022, p. 36).

Oito décadas depois, finda a União Soviética e exorcizado o fantasma da expansão comunista, no que se refere às disputas internas no bloco imperialista, a dependência da Europa em relação aos Estados Unidos (e ao Reino Unido), em matéria de defesa, não obstante a preservação do poderio nuclear francês, parecia até aqui contrabalançada, no plano econômico, por uma União Europeia comandada pelo grande capital alemão, que, ao contrário do Japão, logrou superar os desafios impostos pela retomada da hegemonia estadunidense nos anos 1980 e, logo, pelos custos da reunificação, quando, em 2022, o comando imperialista decide promover uma mudança radical num sistema que já vinha abalado pela crise de 2008, ainda não superada, e pela pandemia da covid-19, sinalizando uma saída política e militar para os problemas de competitividade da potência hegemônica.

A perda do gás russo, em particular, promete ter consequências nefastas sobre a competitividade da indústria alemã, sem falar no problema do consumo doméstico por toda a Europa, reforçado pelas dificuldades relativas às fontes alternativas de abastecimento e à logística envolvida, como no caso do gás de xisto estadunidense — liquefeito e transportado em navios, até o momento, para a Espanha, que pretende ser um novo *hub* distribuidor no continente —, vendido, segundo a imprensa, a um preço entre 40% e 50% superior, ou o problema do petróleo, que já vem causando atrito entre os Estados Unidos e a Opep+, questões de que não cabe tratar aqui. Seria interessante, isto sim, analisar as queixas do presidente



Vazamento decorrente da sabotagem aos gasodutos russos Nord Stream 1 e Nord Stream 2, no mar Báltico

francês Emmanuel Macron, às vésperas do seu encontro com Joe Biden, mas o fato ocorreu no início de dezembro de 2022, quando este texto já passava por uma revisão final.

O fato, para encerrar o ponto, é que a Europa tem sido fortemente afetada pelo efeito bumerangue das sanções à Rússia, a inflação tem avançado em níveis inéditos, os movimentos de protesto têm crescido e tendem a se tornar explosivos e a Alemanha parece caminhar para uma nova humilhação, enquanto a extrema-direita cresce em todo o continente, inclusive, mas não só, os movimentos neonazistas vinculados ao governo ucraniano, armado pelos Estados Unidos e pela própria Europa, que enfrenta ainda a pressão social relativa à massa de refugiados que ampliam o já desafiante problema da imigração. Assim, ao contrário do que imaginavam Hardt e Negri, as disputas internas ao bloco imperialista já se fazem sentir, pois “o que constitui a própria essência do imperialismo é a rivalidade entre as várias grandes potências com vista à hegemonia” (LÊNIN, 1979, p. 90).

5. SOBRE A INTELLECTUALIDADE EUROPEIA DIANTE DA GUERRA

Nessas condições, deveria estar na ordem do dia a velha problemática, referida acima, do *derrumbe* e do sujeito revolucionário. No entanto, três tendências se instauraram, nos anos 1980, que obscurecem o debate. Por ordem de importância: (1) a reestruturação produtiva, que altera profundamente as características da classe trabalhadora, marcada por uma extensa subsunção do trabalho intelectual (BOLAÑO, 2002), promovendo uma divisão complexa, que dificulta a construção da identidade de classe, na medida em que (2) o neoliberalismo se implanta como política de Estado, visando reduzir as resistências e precarizar o trabalho, descarregando sobre os trabalhadores o peso do ajuste estrutural; (3) o deslocamento da maior parte do pensamento de esquerda, seja para o campo do neoliberalismo, como no caso dos partidos socialistas e social-democratas e, inclusive, como ilustra o caso greco, da chamada nova esquerda do período, seja, no caso da esquerda acadêmica, do am-

Anselm Jappe, professor e filósofo alemão



plíssimo movimento revisionista que acaba sempre por negar, de uma forma ou de outra, a teoria do valor de Marx e o caráter revolucionário da classe trabalhadora.

Não cabe retomar essa temática, que desenvolvi em outros textos, mas vale citar, em relação à terceira tendência, a modo de exemplo, a impactante reação do pensamento europeu à intervenção militar russa na guerra do Donbas, em 2022, revelando situações até constrangedoras, como a do bom professor Chesnais (2022), recentemente falecido, abandonando a sofisticação das suas análises sobre a mundialização do capital para nos brindar com uma singela carta a “amigxs brasileiros”, discorrendo sobre as supostas características psicológicas do terrível presidente Putin, ou do respeitado dr. Žižek (2022), defendendo um reforço da... Otan! Mas talvez o caso mais surpreendente seja o do radical Jappe (2022).

Na verdade, ele tem razão quando afirma, à sua maneira, que a guerra atual deve ser vista “no contexto do colapso generalizado da sociedade mundial da mercadoria”. Para ele, no entanto, as análises elaboradas “no campo da crítica do valor” correm o risco de permanecer na generalidade e “não são capazes de indicar qualquer ação prática a ser imediatamente reivindicada”. Ao contrário, vê o conflito como uma oportunidade para o surgimento de “um movimento emancipatório transnacional que repudie todos os beligerantes e suas ideologias”, combinando lutas pacifistas, ecologistas e sociais. Embora reconheça que, “desde 1938, um pacifismo de princípio, incondicional, não é mais sustentável”, defende a posição de que se procure, “apesar de tudo, um *tertium datur* entre a capitulação e a guerra” (JAPPE, 2022). O que o autor defende, então, é uma espécie de guerra econômica radical:

Defender o interrompimento imediato, completo e definitivo da compra de gás e petróleo russos, assim como de todas as outras substâncias, e, de forma generalizada, o rompimento de todas as relações comerciais, toda exportação e importação com a Rússia, poderia ser uma alternativa. Destruir os oleodutos ocidentais (o *Nord Stream*) para demonstrar que jamais voltaremos atrás. Uma sanção como essa — possivelmente a única não considerada por Vladimir Putin — poderia realmente obrigá-lo a se retirar (JAPPE, 2022)³.

3 É irresistível a referência aos espetaculares atos de sabotagem perpetrados contra os gasodutos Nord Stream 1 e 2, ao final de setembro de 2022, meses após a sugestão de Jappe. Em outubro, após investigações, o governo russo acusa militares britânicos pela ação. Mesmo assim, afirma, uma linha do Nord Stream 2 ficou preservada, além de oferecer, em aliança com a Turquia, uma opção para a entrega de gás à Europa pelo sul. Enquanto isso, no que se refere à transição energética, a Europa parece transitar, até o momento, do gás e do petróleo para o carvão, situação para a qual os movimentos ecologistas do continente não têm dado maior importância.



Jürgen Habermas, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Theodor Adorno, Erich Fromm e Max Horkheimer, intelectuais da chamada escola de Frankfurt

Ficam evidentes o *parti pris* do autor — o senso comum pequeno-burguês europeu, pretensamente esquerdista — e o caráter da sua solução, uma espécie de golpe de mestre, capaz de pôr, ao mesmo tempo, o presidente russo em xeque e a “sociedade produtora de mercadorias” nas cordas, acelerando a transição energética e a implantação de uma economia agroecológica⁴. Em todo caso, há um fundo de verdade na esperança de debacle da “sociedade mundial da mercadoria”, na medida em que o aprofundamento da crise do capital, que já se havia agravado de forma alarmante com a pandemia da covid-19, certamente acarretará conflitos sociais, revoltas, rebeliões, como já vem ocorrendo neste momento na Europa e tende a se ampliar à medida que chega o inverno no Hemisfério Norte. Nessas condições, o que se esperaria de um intelectual marxista ativista como Jappe seria explicar, em termos de análise de classe, qual seria a força social — que não a mera opinião pública europeia animada por grupos de pressão ecologistas e pacifistas — capaz de comandar a transição catastrófica que ele sugere no sentido da revolução, em meio ao caos e à anarquia que a resposta do imperialismo à crise de hegemonia dos Estados Unidos acarreta para o conjunto da humanidade.

Mas não é minha intenção aqui generalizar a posição da intelectualidade europeia de esquerda a partir dos três casos referidos, embora deva ser dito que engajamentos desse tipo têm se multiplicado, com posições indisfarçavelmente eurocêntricas e amplamente pró-imperialistas. Tampouco se trata de defender a Rússia — ainda que as provocações do imperialismo tornem a sua ação perfeitamente defensável —, mas de fazer avançar, na nova conjuntura que se apresenta, a luta da classe operária que se mobiliza pela paz na Europa, não nos termos dos intelectuais citados, mas, por exemplo, como os aviadores italianos que se negaram a transportar armas para a região do conflito “em solidariedade ao povo da Ucrânia, da Rússia e do Donbas”. Em tempos passados, em face do crescimento da rebeldia popular contra as consequências da guerra, contra a inflação e a fome, a esquerda

⁴ Jappe não se refere aos sofrimentos que uma transição abrupta desse tipo acarretaria em termos de crise alimentar, de fome pandêmica global, que adviriam do colapso da produção de comida por falta dos grãos russos e ucranianos e especialmente de fertilizantes. Tampouco explica porque até hoje não surgiu um movimento que, em lugar de “cortar o gás russo”, propusesse cortar o petróleo saudita para, de um só golpe, acabar com a guerra do Iêmen e a tal sociedade da mercadoria. Ora, nesse caso, como em inúmeros outros, a oportunidade não se apresentava porque não se estabelecia o consenso que existe agora entre os membros da Otan e da União Europeia, o que naturalmente inviabilizava a solução oportunista que consiste em levar o movimento social e a opinião pública a exigir do próprio comando imperialista as sanções mais radicais. A Rússia, ao contrário, é o inimigo perfeito, estigmatizada no inconsciente coletivo europeu desde os tempos da Guerra Fria, além de peça chave na estratégia expansionista da Otan, sob o comando dos Estados Unidos.

continental clamaria “Contra a guerra, revolução!”. Mas a reestruturação produtiva e todas as sucessivas derrotas sofridas em nível mundial com as políticas neoliberais, desde os anos 1980, têm encontrado a classe trabalhadora desamparada ante a capitulação da maior parte da esquerda, não só na Europa.

6. SOBRE COMUNICAÇÃO E AS TAREFAS DA ESQUERDA HOJE

Nessas condições, pensar a comunicação em termos puramente instrumentais constitui um grave equívoco. Em *primeiro* lugar, é preciso lembrar que a importância da comunicação de massa é um fenômeno marcante do século XX, ligado à constituição do capitalismo monopolista. A escola de Frankfurt foi pioneira na análise do fenômeno, tendo enorme influência, como paradigma crítico, nas ciências da comunicação, a partir do pós-guerra. A própria organização do campo acadêmico da comunicação é fruto das amplas transformações que caracterizam a consolidação da hegemonia estadunidense (BOLAÑO, 2015) e incluem as ciências da informação, as teorias do desenvolvimento, a chamada *big science*, em todos os campos, para se combinar com o vitorioso *big business* ou o famoso complexo industrial-militar-acadêmico. Trata-se da constituição de toda uma nova institucionalidade que se soma às instituições econômicas desenhadas em Bretton Woods e à nova estrutura do que Habermas chama Estado democrático de massas, que substitui o Estado liberal dos tempos da hegemonia inglesa.

A comunicação é parte desse liame institucional que inclui a formação acadêmica de profissionais que, dominando certas ferramentas intelectuais, realizam a mediação social entre os poderes político e econômico, de um lado, e as massas de eleitores e consumidores, de outro, constituindo públicos aos quais são dirigidas publicidade, propaganda e outros tipos de conteúdo que atraem a atenção e facilitam o processo de manipulação e de controle social (BOLAÑO, 2000). Habermas (1984), ainda sob influência do marxismo, define a indústria cultural como instrumento de esterilização do potencial explosivo de uma esfera pública burguesa crítica ampliada para além dos limites (propriedade privada e conhecimento) impostos pelo Estado liberal. Aqui interessa definir particularmente o campo comunicacional no seu conjunto como parte da institucionalidade do sistema imperialista, que se encontra hoje em transição⁵, inclusive no que se refere ao sistema global de cultura, que abandona o formato da velha indústria cultural nacional — centrada no mercado de televisão e articulada, em nível internacional, ao oligopólio da produção cinematográfica e musical, mas preservando, na indústria das telecomunicações e na radiodifusão, a lógica da soberania nacional — em favor de um sistema baseado na rede mundial de computadores, segundo uma lógica algorítmica, permitindo a expansão de formas de interatividade contro-

5 A vinculação da estrutura global dos sistemas de comunicação ao imperialismo será feita originalmente pelas chamadas teorias da dependência ou do imperialismo cultural, nos anos 1970 e 1980 especialmente, em diálogo crítico com a primeira escola latino-americana de comunicação e desenvolvimento, influenciada pelo debate do estruturalismo histórico e das teorias sociológicas da dependência, marxistas e não marxistas. Dessa tradição surgiu a escola latino-americana de estudos de economia política da comunicação e da cultura, que realiza uma crítica interna, marxista e radical — ao contrário dos estudos culturais latino-americanos, que realizam uma crítica externa que acaba adotando uma perspectiva pós-modernista — às teorias da dependência ou do imperialismo cultural (BOLAÑO, 2015; 2022d). O conceito de imperialismo em nenhum momento é descartado, mas a ênfase é posta no desvendamento das relações entre comunicação, cultura e capitalismo, de modo que, na caracterização histórica, privilegia-se o conceito gêmeo de capitalismo monopolista.

ladas que garantem a operação das chamadas plataformas digitais, as quais constituem hoje o núcleo central do novo modelo de regulação das comunicações, no qual a ideia de soberania nacional fica completamente descartada, reforçando a perspectiva neoliberal do modo de regulação com dominância financeira, surgido da resposta do capitalismo à crise estrutural dos anos 1970. Trata-se, portanto, de um reforço do sistema imperialista, mas também de suas contradições, coerentemente com o que ocorre nas demais esferas, que, no seu conjunto, constituem a totalidade das relações sociais capitalistas.

É preciso distinguir aqui dois processos que ocorrem simultaneamente: um, de concentração, no sentido definido por Marx, ou seja, de ampliação da área de ação do capital, o que significa maior número de capitais em concorrência, no nível nacional, no caso, criando uma aparência de democratização no acesso à informação e na capacidade de comunicar; e outro, de centralização do mercado, em nível global, em torno de um número extremamente reduzido de empresas, como são as ditas plataformas digitais. É claro que a aparência não é completamente falsa — pois novos agentes, inclusive não empresariais, e mesmo contra-hegemônicos, passam a ter acesso à rede —, mas extremamente enganosa, na medida em que não se trata da superação da velha indústria cultural, com suas características e funções conhecidas, mas da sua subsunção numa estrutura maior, comandada por interesses externos.

Internamente, cada ator relevante tratará de desenvolver estratégias de comunicação de acordo com seus interesses, utilizando as ferramentas a que possa ter acesso. A técnica se apresenta, assim, em princípio, como fonte de assimetrias. O setor da classe dominante que assume a função de controle do sistema de comunicação dispõe evidentemente de todos os recursos necessários ao uso eficiente dos novos instrumentos e das novas técnicas a serviço da publicidade, da propaganda, do controle social e da acumulação de capital. O uso dessas mesmas técnicas e ferramentas pela classe trabalhadora e seus representantes para servir aos seus próprios interesses exigirá importantes adaptações e recursos, o que envolve uma grande complexidade de questões, por exemplo, no que se refere ao domínio dos métodos de produção e distribuição de conteúdo, ou ainda às técnicas de coordenação e planejamento estratégico relativas ao uso das plataformas, mas esse não é o maior problema.

O equívoco mais importante, se é que se pode falar assim, em *segundo* lugar, tomando como exemplo a maioria dos governos da onda rosa latino-americana do início do século, em especial os do Partido dos Trabalhadores, no Brasil, foi desconsiderar completamente questões fundamentais para a caracterização da classe trabalhadora no atual estágio de desenvolvimento capitalista. Não é possível desenvolver o tema em toda a sua complexidade aqui (*vide* BOLAÑO, 2018), mas dois motivos são fundamentais: a reestruturação produtiva e as décadas de políticas neoliberais, que transformaram radicalmente as feições da classe trabalhadora e são marcadas por dois processos conectados, de intelectualização e subsunção do trabalho intelectual (BOLAÑO, 1995; 2002), de um lado, e de precarização, de outro, nem sempre bem compreendidos, para dizer o mínimo, pelas lideranças políticas e intelectuais, umas e outros tragados, desde os anos 1980, por duas ondas que constituem um terceiro motivo fundamental, qual seja, a deriva neoliberal de uns e o revisionismo de outros, que levaram ao desprezo pela problemática do fator subjetivo, embalados pelas ilusões do determinismo tecnológico e das infiltrações pós-modernistas que minaram boa parte do pensamento de esquerda durante todos esses anos.

Isso explica a ilusão tecnicista de uma democratização do sistema baseada no progresso da ciência, mas também na expansão de uma racionalidade comunicativa, para além

da luta de classes — cuja efetividade estaria ligada a um supostamente superado paradigma da consciência, de inspiração lukácsiana, adotado pelos fundadores da escola de Frankfurt —, como defende o mais influente filósofo das últimas décadas do século XX. O projeto habermasiano de construção democrática pela via do entendimento comunicativamente mediado tropeça nos próprios pés quando o desenvolvimento técnico no campo das comunicações acaba por oferecer aos indivíduos uma interatividade que os articula justamente através de formas patológicas de comunicação, para usar um conceito do autor, as quais estão muito longe de constituir as bases da utopia de uma sociedade civil internacional, que, a certa altura da sua elaboração, substituiu a ideia original do próprio Habermas, citada acima, de uma esfera pública burguesa crítica que entra em contradição com o Estado democrático de massas.

Se nos prendêssemos à aparência, referida aqui há pouco, de uma comunicação generalizada, envolvendo a grande massa da população mundial com acesso às plataformas digitais, por exemplo, poderíamos nos convencer do acerto dessa perspectiva idílica que garantiu a legitimidade do projeto de construção europeia e o animou ao longo das últimas décadas do século passado. A história recente, no entanto, mostra que a expansão do novo sistema global de cultura, centrado na internet, só garante, em essência, a massificação de formas de interação linguística sistematicamente distorcidas, para usar ainda a linguagem de Habermas, entre indivíduos que compõem uma sociedade fragmentada ao extremo, cuja unificação, nesse particular, se realiza pela mediação, por via algorítmica, do aparato tecnológico a serviço dos poderes fáticos que controlam amplamente o sistema.

Uma unificação alternativa, contra-hegemônica, só poderia vir de uma classe trabalhadora organizada em torno de um projeto de superação do capitalismo, o que, do ponto de vista da elaboração teórica, exige o descarte do projeto habermasiano, mas não só dele, e a reposição do problema em termos de luta de classes, alimentada, no plano da consciência, pela formulação de horizontes de referência, cuja construção o revisionismo das esquerdas institucionais acabou cedendo ao neoliberalismo — como pretendia, aliás, Hayek, citado por Lagasnerie (2013, p. 34-35), conforme formulou explicitamente na sua crítica ao velho liberalismo, que perdera, segundo ele, para as esquerdas a prioridade na construção das utopias de futuro, acomodado que estava na condição de defensor do *status quo*. Essa foi a posição em que, na sequência, situou-se a esquerda, na Europa em especial, desde que se propôs a administrar o capitalismo, adotando a perspectiva da terceira via, entre o *welfare state* e o neoliberalismo. Por fim, estamos vendo que a extrema-direita, mesmo mantendo uma perspectiva neoliberal, e ainda mais radical, acaba por apresentar-se como alternativa antissistêmica, capaz de seduzir uma parte importante da juventude com discursos do tipo anarcocapitalista, apelidado libertário, ou libertariano, e inclusive diretamente fascistas.

No que se refere às tarefas imediatas, em *terceiro* lugar, seria preciso, do ponto de vista da sociologia crítica, como da crítica da economia política, ou do campo acadêmico da comunicação, definir as características da nova classe trabalhadora que surge da reestruturação produtiva e se configura de forma já bem delineada na atualidade, com suas contradições e divisões internas, suas fragilidades, tendo em conta que “todo grupo tende [...] a conhecer de maneira adequada a realidade, porém o seu conhecimento não pode ir senão até um limite máximo compatível com a sua existência” (GOLDMANN, 1976, p. 15). Trata-se, aqui, de todo um programa de pesquisas de interesse da classe trabalhadora.

Mas, para além das tarefas acadêmicas, do ponto de vista da comunicação como campo de práticas, trata-se de uma tarefa da própria classe, com seus intelectuais orgânicos,



Adelmo Genro Filho

o que envolve também aqueles trabalhadores que, atuando no âmbito da mediação social, desenvolvem as ferramentas e técnicas referidas acima, que precisam ser apropriadas pela classe para servir à luta contra-hegemônica. A esse respeito, quero trazer à baila a crítica que formulei à influente perspectiva de Adelmo Genro Filho a propósito da sua recepção dos escritos de Lênin sobre a imprensa (BOLAÑO, 2018). Note-se que o que está em questão aqui é o problema da autonomia cultural da classe trabalhadora, tal como apontada num precioso trabalho de Hobsbawm (1987), ao referir-se à classe operária inglesa do século XIX, cuja oposição ao regime burguês não se expressava apenas no plano estrito da luta de classes, mas naquele, mais profundo, da identidade de uma classe culturalmente homogênea, apresentando-se como contra-hegemônica no nível mais amplo do sistema global de cultura. Permito-me reproduzir agora, por comodidade, alguns parágrafos do meu texto de 2018.

A oposição entre cultura erudita e cultura popular apresenta-se, assim, como contradição profunda entre duas visões de mundo claramente distintas, no momento em que a classe operária se apresenta como portadora de um projeto de organização geral da cultura alternativo. E isso também no plano estritamente intelectual, como deixam claro as formas de produção e difusão do pensamento socialista, comunista, anarquista, sindicalista. Aqui interessa citar a função organizativa, teorizada por Lênin (s.d.), que a imprensa operária cumpriu na Revolução Russa de 1917, incluindo desde a produção de textos em cada fábrica até a reunião para a produção do jornal e sua distribuição clandestina ao longo de um território tão amplo, envolvendo milhares de mãos, de trabalhadores anônimos formando uma extensa rede de comunicação popular alternativa, totalmente autônoma, que se esforçava por manter a maior invisibilidade perante a repressão policial czarista.

Assim se organizava a inteligência coletiva proletária na Rússia nos primeiros anos do século XX, um oceano cultural em que o revolucionário bolchevique podia nadar como peixe. Note-se que a tarefa urgente proposta por Lênin, vinculando organização partidária e criação de um jornal político para toda a Rússia, implica superar os “métodos artesanais”, como explicitara já em 1899, no artigo *Um problema vital*, incluído na mesma compilação de onde retirei a referência anterior, nos seguintes termos: “O problema consiste em decidir se vale a pena continuar com métodos ‘artesanais’ o trabalho que já se realiza, ou se se deve organizá-lo como trabalho de um só partido e refleti-lo num órgão de imprensa comum.”

Adelmo Genro Filho reconhece que “a tese de Lênin sobre a necessidade do jornal partidário enquanto ‘organizador coletivo’, com funções de análise crítica, luta ideológica,



Plataformas digitais: agentes da diversidade ou novos monopólios de comunicação?

propaganda e agitação é, ainda presentemente, insuperada em seus fundamentos” (GENRO FILHO, 1987, p. 56), mas acrescenta que “há uma tarefa mais ampla do jornalismo tipificado nos diários, que deve ser pensada em sua especificidade” (GENRO FILHO, 1987, p. 47). E conclui:

Embora o jornalismo expresse e reproduza a visão burguesa do mundo, ele possui características próprias enquanto forma de conhecimento social e ultrapassa, por sua potencialidade histórica concretamente colocada [sic], a mera funcionalidade ao [sic] sistema capitalista (GENRO FILHO, 1987, p. 47).

Não tratarei aqui em detalhe das críticas de Genro ao projeto de Mattelart, da época do governo Allende, de “dar a palavra ao povo”, como fiz em meu ensaio de 2018. Em suma, trata-se, para o autor, de uma crítica a um projeto de “jornalismo artesanal” contra o jornalismo industrial moderno, considerado uma forma particular de conhecimento da realidade. A crítica à prática chamada artesanal tem um sentido bem diferente daquela do trecho de Lênin citado. Em Genro, trata-se da defesa de um tipo particular de produção cultural, considerado moderno e eficiente. Assim, diferentemente da construção coletiva pela classe operária e seus intelectuais de um meio de comunicação unificado que refletisse e apoiasse a própria organização da classe, Genro põe em primeiro plano uma função mediadora dos meios de comunicação de massa:

E nisso [tais meios de comunicação] não dependem do capitalismo. É evidente que essa orquestração feita pelos meios de comunicação de massa sobre o conjunto da comunicação e da cultura não funciona nunca como uma imposição, uma relação pura e simples de manipulação. Há uma dialética entre o centro e cada uma das suas partes [...], conduzindo à produção e reprodução da cultura e da informação, na qual o papel das classes, dos grupos organizados e dos indivíduos é sempre irredutível. Mas o centro, o núcleo do poder que qualifica o processo no seu conjunto e lhe fornece os rumos é constituído pelos meios de comunicação de massa (GENRO FILHO, 1987, p. 125).

É certo que a função de mediação é o elemento chave para entender a indústria cultural e os grandes meios de comunicação de massa. O problema é a autonomia que Genro parece imputar a uma instituição, a grande imprensa tomada em abstrato, identificando *Pravda*, ou *Granma*, a *New York Times*, *O Globo* ou qualquer outro, entendido o conjunto como uma nova forma de produção especializada de conhecimento e de mediação social, sem considerar, salvo marginalmente, no caso da grande imprensa, trata-se de empresas em que o trabalho dos jornalistas, entre outros, é subsumido.

Até aqui, o resumo da crítica a Adelmo Genro. Minha própria definição do conceito de mediação, no interior de uma teoria marxista da comunicação centrada na crítica da economia política (BOLAÑO, 2000), articula-o, nos marcos do capitalismo monopolista, ao conceito marxiano de subsunção do trabalho. Com o surgimento dos grandes meios de comunicação de massa, no século XX, o jornalista, como outros trabalhadores intelectuais, passa a cumprir a sua função mediadora, não mais como o intelectual independente do século XIX, mas como trabalhador assalariado a serviço de um capital individual particular, o qual se encontra numa posição estratégica na estrutura social, a serviço do grande capital monopolista e do Estado capitalista. No caso do jornalismo, quanto mais industrializada a produção, ao contrário do que pensa Genro, maior a capacidade de controle e de subordinação do trabalho ao capital. Assim, se a imprensa de massa do século XX representa uma nova forma de produção de conhecimento, como quer o autor, trata-se de um conhecimento, por um lado, a serviço da empresa jornalística, de acordo com suas estratégias empresariais, envolvendo as mais variadas técnicas de manipulação publicitária e de construção de audiências, e, por outro, a serviço da propaganda e do controle social.

Os limites à subsunção do trabalho jornalístico não se referem em essência ao gênio ou à coragem individual, mas às especificidades da sua função mediadora. O capital luta contra a autonomia relativa daí decorrente, estruturando rotinas, processos e sobretudo hierarquias que se refletem em diferenciais de salário, mas também se vale da ideologia profissional constituída como parte fundamental do pensamento liberal no século XVIII e XIX. Mas não é no texto que essas contradições podem resolver-se em favor de um projeto social alterna-



Reprodução de capas dos jornais operários *A Classe Operária* (Brasil), *Pravda* (soviético), e *Granma* (cubano)

Destaco a necessidade de esclarecer a estrutura e a dinâmica do conjunto das instituições do sistema imperialista, com destaque para o funcionamento da chamada mídia hegemônica, cuja articulação e capilaridade ficam bastante evidentes com a decretação da guerra econômica contra a Rússia, revelando os mecanismos da propaganda, da censura, do controle da informação, da produção e disseminação de notícias falsas etc.

tivo. O jornalista deve entender que os limites impostos a sua função de mediação advêm de sua condição de trabalhador, e que a solução passa por uma ação coletiva que transcenda o plano meramente sindical, vinculando-o ao conjunto da classe trabalhadora e pondo-o a seu serviço, o que não pode ser feito de forma consequente na chamada mídia hegemônica. Nesse sentido, a tarefa formulada por Lênin permanece em essência a mesma.

7. À GUIZA DE CONCLUSÃO

Mas o caso do jornalismo é apenas um entre muitos. No mesmo ensaio de 2018, tive a oportunidade de apresentar uma objeção, mais séria, ao desdém com que Garcia Canclini se refere ao Teatro do Oprimido, defendendo as sofisticações estéticas de artistas bem formados, desconhecendo, assim, o aspecto comunicacional da arte, que, para além do puro gozo estético, envolve uma capacidade de organização e mobilização que tiveram, por exemplo, um papel importante na resistência às ditaduras na América Latina. Permito-me citar, a respeito, o último parágrafo do meu próprio ensaio:

Do ponto de vista da comunicação, trata-se, como propunha Mattelart [...] de “dar a palavra ao povo”, e é nesse sentido que falo na importância da criação de novas formas de mediação social, como a dos atores e atrizes seguidores das propostas do Teatro do Oprimido, que transferem à plateia as ferramentas de comunicação de que dispõem, e assim, através do seu trabalho, transformam a realidade e transformam-se a si mesmos, pela interação com aqueles outros trabalhadores (o público), que recebem mas também oferecem conhecimento (BOLAÑO, 2018, p. 57).

A construção do socialismo hoje passa pela apropriação, pela classe trabalhadora, das ferramentas de comunicação, e não meramente das técnicas de produção de conteúdo e,

muito menos, daquelas da publicidade, da propaganda ou do *marketing* político por parte de alguns profissionais supostamente a seu serviço. É o conjunto do sistema de mediação social que deve ser tão radicalmente transformado como o sistema econômico e as estruturas de poder do Estado capitalista. Para tal, outro sistema global de cultura precisa ser criado, o que exige a construção, desde já, dos instrumentos de mediação a serviço da organização e da luta de uma classe trabalhadora que se encontra cindida e cuja unidade e autonomia, política e cultural é a condição essencial para a superação da exploração capitalista e da dominação imperialista.

Entre os mediadores profissionais, uma tensão se estabelece, pois se trata de trabalhadores intelectuais, cuja sobrevivência depende da venda da sua força de trabalho ao capital, que precisam não apenas reconhecer a sua condição de classe, mas entender também a importância de transferir conhecimento e de aprender com os demais trabalhadores que a mediação possível pretendida é fundamentalmente automediação, que é a consciência possível do conjunto da classe que garantirá a autonomia ante o sistema de manipulação que se apresenta hoje de forma extremamente capilarizada e eficaz enquanto mecanismo de controle e de vigilância.

Nos artigos citados na nota 1 acima, apresentei uma pequena agenda de pesquisas sobre a guerra atual, em que destaco a necessidade de esclarecer a estrutura e a dinâmica do conjunto das instituições do sistema imperialista, com destaque para o funcionamento da chamada mídia hegemônica, cuja articulação e capilaridade ficam bastante evidentes com a decretação da guerra econômica contra a Rússia, revelando, aos olhos dos pesquisadores, os mecanismos da propaganda, da censura, do controle da informação, da produção e disseminação de notícias falsas etc. O mesmo sistema é instrumentalizado na manipulação da opinião pública mundial contra os governos rebeldes em relação à dominação imperialista, como os de Cuba ou da Venezuela, para ficar nos exemplos mais próximos. Assim, os interesses econômicos e geoestratégicos determinantes das ações integradas do sistema global das comunicações sob controle do capital monopolista têm consequências deletérias sobre a classe operária dos diferentes países, especialmente os subdesenvolvidos, de modo que a construção de um sistema de comunicação alternativo, ligado à luta dos trabalhadores, na linha do projeto leninista, com autonomia cultural, apontado acima, deve ser pensada também em âmbito internacional.

* Professor titular aposentado, colaborador do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Sergipe. Coordenador do grupo Obscom-Cepos, do CNPq, do grupo Epicc e do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (Clacso). Diretor da *Revista Eptic*, de economia política da informação, da comunicação e da cultura.

► Texto recebido em 3 de dezembro de 2022; aprovado em 5 de dezembro de 2022

- BOLAÑO, César. **Campo aberto**: para a crítica da epistemologia da comunicação. Aracaju: Edise, 2015.
- _____. Economia política, cultura e a batalha da comunicação na América Latina do século XXI. In: _____ et al. **Cuba**: el legado revolucionario y los dilemas de la izquierda y las fuerzas progresistas en América Latina. Buenos Aires: Clacso, 2018.
- BOLAÑO, César. Economia política, globalización y comunicación. **Nueva Sociedad**, Caracas, n. 140, 1995.
- _____. Guerra da Ucrânia, imperialismo e comunicação. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 25 mar. 2022a. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/guerra-da-ucrania-imperialismo-e-comunicacao>>. Acesso em: 18 jan. 2023.
- _____. Imperialismo, guerra, comunicação e a transição do sistema global de cultura na terceira década do século XXI em perspectiva histórico-estrutural. **Líbero**, São Paulo, n. 52, set.-dez. 2022b. No prelo.
- _____. **Indústria cultural, informação e capitalismo**. São Paulo: Hucitec, 2000.
- _____. Trabalho intelectual, comunicação e capitalismo. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 53-78, 2002.
- _____. Ucrânia: imperialismo e guerra da informação. **Outras Palavras**, 21 mar. 2022c. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/ucrania-imperialismo-e-guerra-da-informacao>>. Acesso em: 18 jan. 2023.
- _____. (Coord.). **Economía política de la comunicación y la cultura en América Latina (1970 y 1980)**. Buenos Aires: Clacso, 2022d.
- CHESNAIS, François. El “campismo” y mi posición sobre la guerra: carta a amigxs y colegas brasileños a propósito de la invasión a Ucrania. **Herramienta**, n. 38, 24 abr. 2022. Disponível em: <www.herramienta.com.ar/el-campismo-y-mi-posicion-sobre-la-guerra-carta-a-amigxs-y-colegas-brasilenos-a-proposito-de-la-invasion-a-ucrania>. Acesso em: 18 jan. 2023.
- DÖRRE, Klaus. **Teorema da expropriação capitalista**. São Paulo: Boitempo, 2022.
- ESCOBAR, Pepe. A China lança uma proposta ao Sul global. **Outras Palavras**, 23 dez. 2022. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/china-lanca-uma-proposta-ao-sul-global>>. Acesso em: 18 jan. 2023.
- FIORI, José Luís. O mundo depois da Ucrânia. **Outras Palavras**, 25 jul. 2022. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/fiori-omundo-depois-da-ucrania>>. Acesso em: 18 jan. 2023.
- FURTADO, Celso. **Criatividade e dependência na civilização industrial**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.
- _____. **O mito do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- GOLDMANN, Lucien. **A criação cultural na sociedade moderna**. Lisboa: Editorial Presença, 1976.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004.
- HILFERDING, Rudolf. **O capital financeiro**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- HOBBSAWM, Eric. **Mundos do trabalho**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- JAPPE, Anselm. Cortem o gás russo. **A Terra É Redonda**, 25 mar. 2022. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/cortem-o-gas-russo>>. Acesso em: 18 jan. 2023.
- LAGASNERIE, Geoffroy de. **A última lição de Michel Foucault**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- LÊNIN, Vladimir I. ¿Por donde empezar?. In: _____. **Acerca de la prensa**. Moscú: Editorial Progreso, [s.d.].
- _____. **Imperialismo, fase superior do capitalismo**. São Paulo: Global, 1979.
- MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Livro 1: o processo de produção do capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- MELO, João Manuel Cardoso de. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- NUNES, António. **A integração europeia**: um projeto imperialista. Lisboa: Avante!, 2022.
- ŽIŽEK, Slavoj. Pacifism is the wrong response to the war in Ukraine. **The Guardian**, 21 jun. 2022. Disponível em: <www.theguardian.com/commentisfree/2022/jun/21/pacifism-is-the-wrong-response-to-the-war-in-ukraine>. Acesso em: 18 jan. 2023.